

DREAMS, DELÍRIOS DI
VERSIFICADOS

DREAMS, DELÍRIOS E DEVANEIOS
DI VERSIFICADOS

Rrrããrrrr!!!

Julia Pascale

Que merda, porra, ai! que eu corto um pedaço da bunda desse cara! e a individualidade, onde é que fica? essa invasão só mostra um desrespeito total; não existe mais espaço nem para esticar um braço. Só existe múmia do teu lado. E A SENSIBILIDADE. Aquela que você percebe do outro, entende, procura os seus olhos, estende a mão? tá escondida? mas porque. não, isto não é invasão, não tenha medo. DESCUBRA-SE. GOSTE-SE. DÊ-SE. DEIXE-SE. é muito bom. NÃO DURMA. Podes perder a bunda, hein? linda, redondinha, tesuda, firme, expressiva (só de pensar já fico molhadinha, uiiii!) mas, e você, sabe de tudo isso? e, mais que isso, quer saber? te interessa? aí é que está o fascínio. VOCÊ É FASCINANTE, sim, mas truncado, que tormento isso gera. qual é o DE DENTRO deste fascínio? como se forma a massa que te compõe, quais as linhas que te regem e como elas se espraiam para fora, como chegam a nós, simples seres como você? fascínio é a palavra que me apaixona e me atormenta. é por isso que estou nesta página. branca como ela. se perguntando como ela. registrando. só. semi-preenchida. com a merda no meio do caminho, nem formada, nem completamente fedida. soco o cotovelo nas tuas costas e resolvo todo o problema. você se afasta um pouquinho e eu posso esticar o meu braço. somente uma questão de espaço. você sentiu o mais concreto, e tudo passou. acabou como este conto, pela metade.

Fim do Expediente

Braços abertos.

VOLVER A ESQUERRRRRRR

RRRRRR DÁ!

Cadê

AH! Cadê

Cadê

Cadê

Cadê

Cadê

Cadê

Cadê

Cadêcadêcadê

Cadê

Cadê

Cadê

Cadê

Cadê

Cadê Cadê

Cadê

(Na porta só tem um capacete sorrindo)

(Chama:) Ei!

(Cabeça na janela:)

Cadê

Cadê Cadê

Cadê

cadecadecadecade

Cadê

Cadê

Cadê

Cadu (como?)

Ah! Foi-se

Sumiu

Quem sabe outro dia.

Julia Pascale

Fragmento

Morga, morgação morgando.

Galacteando pelo universo

Remexendo o molemolengo dos pelos
dos cílios
dos poros.

A garganta escorregando pelas palavras quase sopradas.

Aquele movimentar lento, gostoso.

Pescoço indo pro lado e os olhos um pouco depois.

A orelha toca o chão

se entende com o peso da terra
no gostar

mútuo.

no acariciar

Agora tudo e você.

Uma coisa só.

Se largando pra onde o vento mostrar
o sol esquentar
às nuvens admirar.

Boca mole

lábio solto

olho aberto pra seguir

tudo o que as mão fizerem.

Without tentáculos.

A desatenção capta cada sensação
cada movimento.
deliciamento.

1984 (?)

Eu vou e levo todas as coisas! Isso é porque na verdade eu não quero ir. Quero mais é ficar e pegar vocês todos, um por um, em cada encanto, em todo canto. Que eu tenha vocês.

no motel tem até uma piscina cujas águas são a pura seiva do peixe amarelo ao lado da moça da cor de boneca de metal de menina pobre

Fumar é que te dá a sensação de que o ar é concreto.

Furor na palma (84)

Qual é o seu medo? Mexa nele. Vai! Bota o olho no que você quer, morda a língua, entorte a boca, encare de frente, mijie se for preciso. Faça aquilo que você imagina. Descubra-se. tire, não, arranque toda a capa. Seja feroz, forte, penetrante; esqueça o mundo e ao mesmo tempo integre-se nele. Seja o momento, azar se ele for triste, mas tira essa força da barriga e do peito. Deixa tua boca e teu olho mostrar tudo o que esse teu corpo já não consegue esconder. Não tem que ter medo de assustar ninguém. O grito é necessário. Você tem que ir até o fundo do cú, sentir a perna tremendo, a barriga meio descontrolada, vontade de cagar, de mijar, de gozar, de abraçar, de bater, de morder, de beijar, de foder, de correr, de voar, de despedaçar cada coisa que olhar, de inteirar todas as coisas. Ser tudo o que se pode num só momento. Como num alçar emocional. Ao som do que está na vitrola. Cada movimento super incisivo. Virar o queixo porque este ato te dá força e não só por virar. Escrever com precisão, rápido, pela cabeça, porém certo.

Pulsar

Pulsar

P U L S A R

P U L S A R

P U L S A R

cada veia

cada osso

cada molécula

cada célula

o coração se mostrando em todos os pedacinhos do teu corpo, não esquecendo nem a unha!

Delirar, sensualizar, sim, mexendo molemente, sentido o pescoço, o movimento dos braços, dos olhos, dos ombros, esta cadência profunda te toma e te mostra a barriga mole de novo e o peito escorregadio, num quase relaxar,

s e n s u a l,

s e n s u a l í s s i m o.

Q u a s e f o r a d e s i, vendo você na árvore com a mesma inclinação do vento. Seu corpo sendo tão ampla e fortemente controlado que não precisa do pensamento. Ele lhe

sai, te olha de fora, A ALMA É ISSO! O que está do lado neste momento. E o corpo está sustentado pelo que há de energético no que você criou neste momento. E a tua felicidade está na consciência dos sentidos, do poder de controlar a si própria no prazer solitário, profundo. Te amo muito Julia.

Julia Pascale (que coragem minha filha!)

Escrever:

Não sei bem o que significa, mas a vontade é incontrolável.

Chega um momento limite que

ou dançar ou escrever são as coisas que quero fazer.

Falar não adianta.

Abraçar é bom, mas sempre dura muito pouco ou é tão inesperado, como ontem, que a sensação vem mais tarde, e a vontade de continuar também.

Bom escrever e dançar, a caneta vai correndo no ritmo e na emoção do que vem. Pula, pula, chacoalha, chacoalha, balanceia, balanceia, vai, volta, vai, volta, treme, arre pia, ginga, pára, soca, soca, soca, bate, bate, volta, volta, sente, sente, (gozado). Fica alegre, agora, mexe a sombrancelha, e sorri, mexe o corpo e pára. E não olha, porque o corte é brusco demais. Eu continuo e tudo muda à minha volta. Todos correm e eu paro ou todos param e eu corro?

16/11/84 Boracéia

Os dias vão passando e eu estou cada vez mais introspectiva, ou melhor, observadora.

Vontade de fazer nada. Só na observação de mim mesma, do mundo, da natureza. Ah! Esta sim, me realimenta, me reequilibra, me aninha, me anima (Eu e o Universo).

Só que vê-la maltratada é tão triste quanto ver uma criança judiada, como na noite retrasada. O mundo colonizado nos leva a crimes impensados, inconscientes, e tudo por ânsia de INDEPENDÊNCIA. Atira-se a lata de cerveja no rio porque este é o último sentimento de liberdade que restou para ser exercido. “Ninguém vai notar, ninguém vai PROIBIR, então EU SOU DONO DESTE “MÍSERO” ATO. Agredir o filho/a filha também traz um sentimento semelhante. “Eu não suporto a minha ‘repressão’ sexual, não percebo direito o que é isto, mas ‘sei’ que sexo é proibido, então você, ‘minha’ filha, (de propriedade) vai sentir toda a minha autoridade. Toma! Toma!”

É, foi assim mesmo, eu no meio de uma deliciosa trepada e na barraca do lado uma mãe, a tal da Rita, começou a gritar com sua filha de 3 anos porque ela tinha feito “xixi” na cama do pai e ela tinha acabado de dizer que não queria fazer xixi. Logo em seguida o delírio, a história: - Tira a mão da KRIKA, TIRA A MÃO DAÍ. Paciência tem limite. (Tapas) Eu já disse para tirar a mão da KRIKA. E o pai em silêncio culposo profundo. E a criança inocente, sem nada entender, ou melhor, entendendo tudo deste maravilhoso e imbecil mundo “socializado” e suas regras repressoras. Estas as regras que permitem coisas tão tristes e agressivas: reprimir uma criança ou depredar a natureza – dois crimes idênticos e passíveis de denúncia.

Julia Pascale

05/07/85 SP

“Alô! Nice!

Je voulez parlez avec Pascale.

Oh! Non! Ce soir?!

Pardon! Merci!”

- Ainda bem!! (veio o raio destruidor e cutucou as forças do oculto).

Eu sei que devo respeitá-los. Eu sinto que sou minha mãe em alguns momentos, até sua dor de cabeça me tomou.

Ela e eu nos precisamos.

Meu espírito não encontra repouso e eu me debato à procura de um canto secreto, ou de uma mão amiga ou de um ombro para acolher minhas lágrimas.

Só as lágrimas traduzem meus sentimentos e sensações ocultas.

Não consigo mais relaxar, não me comunico com o cosmo, meu mundo, em alguns momentos, torna-se tão tacanho que não consegue me conter ou simplesmente me suster.

Quem sabe o porquê destas aflições?

Qual o meu próximo passo?

Esperar o Marco

temperar o peixe

fazer o filme ou

mudar para o Rio?

Brigar com o mundo eu já vi que não consigo, haja visto a velhinha do pé inchado que me acariciava o rosto hoje pela manhã por eu ter, vencida a minha insegurança, me aproximado dela e tentado aliviar aquelas pernas cansadas.

Ela sim chorou, no olhar amigo que eu lhe dirigi. Ela precisava de alívio. Mas a minha “tensão” não encontra nem explicação clara, nem alívio. É um passar de mão pela testa e cabelos ininterrupto. O cenho teima em franzir. Os olhos teimam em tombar no vazio. A boca não esboça nem sorriso, nem rancor. É uma inquietação que se debate por dentro de todo o meu corpo. Algo que ainda eu não sei o que é quer transbordar, mas não encontra por onde, então pega o interior dos meus pés, das pernas, da barriga, do peito, da cabeça e dos braços. Como uma forma oca que contém um corpo sobre o qual foi impresso um

estímulo de força e que pela inércia ele continua a se movimentar encontrando sempre uma parede e buscando sempre por onde escapar.

Às vezes há uma trégua, especialmente quando estou em contato mais estreito com o Teatro, ou com o Outro (nossa! que palavra impessoal, que eu uso sempre, mas sempre sentindo-a mal empregada) não, com uma PESSOA...

Fernando Pissoa...

Ai, echte sutaque portugueis! Quê mê fascina!

Talvez pela força de expressão da língua bem dita.

Oh! Quantas dúvidas!

Meu texto é cheio de talvez, serias, parênteses e pausas para pensar.

Não quero ao ato pensado, quero mais e mais o espontâneo, o irromper.

O exercício da escrita sem máscara, bem como o exercício de mim mesma sem máscara.

Não quero ter que sorrir para todos nem ter que estar conversando.

Quero estar!

Quero ser!

(E quem te proíbe, caralho, carralhô, em Français, mon amour – é mais fino, por lo menos.)

E a fera grita

“ABAIXO O EGO!!!

ABAIXO O EGO!!!”

e a ressonância ainda parece fraca.

Vaguear pelos quartos não traz adeptos. Ligar a televisão estimula o desligar.

Caminhar, dar passos, só se com firmeza.

Agora, ouvir uma sirene, sim, me alerta e me apazigua. É que estranho, exatamente o símbolo de que algo anormal se passa é que me pacifica.

O contato com a fragilidade da vida me permite me retomar, me deixar correr no tempo.

Nós, artistas brasileiros, quando partimos para uma experiência criativa que busque mergulhar na “cultura brasílica” esbarramos no universo antropológico.

Quando a gente fica de saco cheio da monotonia do Teatroão, corre atrás de um grande banho de Modernismo. Por que? (Oh! What big question!!).

As cabeças mais abertas e malandras, a ideologia menos nacionalista, as artes mais ousadas, as primeiras obras da personalidade tupiniquim, a ginga da brasilidade, de tudo isto lá se encontra, no Moderno (Serei Moderno para ser Etéreo!)

E daí? Onde estão os pingos dos is? Que seja feita a vossa/nossa vontade.

Nós, do grupo FOFOFORA somos candidatos/bacharelados em “Turista Aprendiz” (ver “Obras Completas” de Mário de Andrade). Estamos passeando pelas nossas expressões... Nossas, de quem? “De la Nación”, do ego, do alter-ego, da profissão, do coração, do mundo.

E cada um tem sua trouxinha em tons, cores e tecidos diferentes.

Tem gente que veio de Ilhéus, passou pelo estrelato da Baía de Guanabara e traz na trouxa patuás, plumas e paetês. Outros estão fugindo de casa, nestas trouxas temos objetos bem pessoais, secretos mesmos (nós descobrimos uma cueca verde, um fio loiro preso a uma partitura de Villa Lobos e lentes de contato). Há também os que preferem sair com o violão debaixo do braço e parar em qualquer praia para curtir os sons. Outros que saem por aí irradiando suas vontades, (Eu sou mais eu, Himeneu!) E mais as baratinhas corredeiras que brincam em qualquer cantinho, na urbis ou no mato.

Aí, todo mundo caiu na mesma viagem; as estradas foram dar numa linda clareira, onde, par e passum, cada um foi se achegando, ficando encantado com um brilho que vinha do céu e aí pararam para trocar figurinhas.

Descobrimos que fazer teatro podia dar samba. Pegamos a letra do Mário de Andrade e jogamos nossos feitiços. Estamos aí nas avenidas coloridas pela meninada, “for the future”.

Nós queremos o novo porque só o novo traz a liberdade! Nós queremos ser livres porque assim seremos felizes! Só os livres e felizes é que podem FLUTUAR! FLUTUEM!

4 ou 05/07/85 SP

E novamente o fascínio pelo brilho e sangue duma lâmina me ergue.

É com a mão munida de um seu pedaço que quero apertar a tua, não para te ferir, mas para te tocar, marcada profundamente.

A surpresa do sangue e da cicatriz cujo registro foi indolor, antes, foi mágico, íntegro; por isso a marca faz estancar o tempo e as almas se revelam.

Pois para que nos servem nossos corpos se não nos revelam a emoção dos instantes em que o espírito se amplia, se expande e se comunica com o Universo.

Ah! meu tema preferido.

Este espírito!!

tão agitado

neste reconhecimento do fim do século,

tão atormentado

na busca do seu sentido,

tão isolado

na originalidade de suas angústias

e além de tudo

a serviço das sinetas, sejam do telefone ou da porta que este corpo prestativo não pode deixar de responder.

Portanto, ó Espírito, como te captar?

Pela lâmina, sim!

Ela e seu corte me orientam, no sentido que nem lua, nem sol hoje me fornecem.

3 05/07/85 20hs.

Ouvir e sentir um artista conhecido, amigo, amante mesmo, companheiro é compartilhar um bocadinho da vida e do mundo do jeito de outra gente mas que é parte da gente também.

A gente se sente também, se reconhece, comunga.

Quero danças lindas (bem a gente)

pra te acompanhar.

Parece que o coração não consegue ficar quieto sozinho

O Samba Urbano do Marco,

(Teu, querido) me pede para escrever.

é!!

os teus dedos correm lá e os meus aqui.

Minha cabeça vai balançando

e a minha barriga que guarda o meu centro pulsa,

e pulsa

pulsa

rebola

chacoalha

requebrando e não deixa o ombro ficar quieto.

(Quem disse que não dá para escrever e dançar o Pixaim, querido artista irmão – pega lá este requebro)

e as mãos batem e desenham linhas desconexas para o papel porém não para o ritmo

e o corpo vai

subindo

tchau

05/07/85 com Marco

Era uma vez uma mulher que queria que seus homens fossem calmos e tranquilos quando estivessem na cama.

E ela conhecia exatamente qual ponto mágico devia tocar para que eles se
a c a l m a s s e m.

Ai! as doces carícias. Aquele roçar de leve, um apoiar-se molemente, o abraço que vai tomando cada parte do outro.....

E por anos e anos eles dormiram
porque de tão tensos, quando relaxavam,
esses homens entravam em sono profundo.

E sua morte se deu quando abraçava o Frederico.

Ele dormia.

Ela, centenária,

coçava o 1.000º fio do bigode loiro
da cara de Frederico...

bra.....

Algum dia de Julho de 1985.

... e no fim, na sétima parte entra o Tatá e faz uma brincadeira cúmplice para o alto.

... a cumplicidade da vida. O malandro. O Bonye & Clide, o ladrão: Tatá! Aquele que eu pedi para você ser, o malandro da vida que anda “par e passum” com os discos que viu, com contatos que tem consigo, com os outros, com as coisas, com o mundo. Aquele do Filme, isso!, o “Sem fôlego”, mas que viu a arte, não só da vida, mas na vida.

... tem que ter uma cena com música clássica porém

despreoconceitualizando-a,

como o Marco faz.

... é o tempo da Paz (ouço-a, mas não sei o nome, santa ignorância!).

... tem piano, tem violinos, como uma fuga, ou melhor, um diálogo, onde o cello entra para estabelecer o equilíbrio.

Ele sofre violinisticamente.

Ela salta como as teclas do piano, infantis.

O cello os liga.

... e o diálogo vai se estabelecendo e adquirindo um pouco, bem pouquinho, peso, mas, sem cansar, nunca!

Abaix’o peso!!!

Abaix’a culpa!!!

VAMOS É TRANSFORMAR

(muda a música!) muda a luz, o cenário se “move”,

os atores se olham

olham

e redescobrem neles mesmos, nos olhos uns dos outros um outro estado,

o segundo quiçá!

(É preciso mais calma, mais tranquilidade, mais 45\$£&”, menos insegurança, sem pressa é que o seu peito se abre.

Mulher! e chorando você relacha.

Mas não pode ter vergonha da tua barriga, tem que olhar par ela, tem que sentir o gosto de todas as coisas,

tem que saber separar estas tuas carências da tua criação

M m

... ou escrever não é teu ofício?

Você acha lindo!!)

“que Julia é essa que tá conversando comigo?”

É a Maria Julia, creio eu, que não quer deixar escapar nem sua Maria, seu nome Maria, o

Maria, maria

Mariatriz

Marietriz

Mariatrizar

A Árrida

FOGO DE ARLETE

que raio Prenez Vous?

... que desorganização!

... ai, qual sou eu? sei que as duas. Mas uma me cansa tanto!! Por que?

- Pela ansiedade, pela “imagem”. É o medo que a faz tão rápida:

... E suas letras são péssimas pela vergonha de se revelar.

... Eu SOU TÍMIDA.

Aié! (minha ‘vó chamava-se assim – Aié e Giulia – e mexia com os braços assim – mexe com os braços – e se “perdia” no mundo assim

como eu

como eu!

Como Eu. (suspiro profundo e pausa para reflexão).

Eric Satie?

- Não, esse é o que virá.

Julia Pascale

19/07/85

Estás, à hora do fim da tarde, sentado na balanceira tomando a brisa que vem da janela encortinada. Lês!

Ela não era azul, nem preta, era apenas a gatinha enfeitiçada que, agora passa do whiskey à cocaína. E quando se torna transparente (porém não invisível) corteja os homens e seus instrumentos nessas andanças noturnas.

Leve, lenta, languidamente ela se aproxima deles, toma-lhes o instrumento e com cuidado e carinho primeiro lambe. Sim. Lambe. Sua língua macia, quente e úmida percorre seu lambe por todo aquele corpo, num ato de reconhecimento. O tato imprime mais um momento de vida às superfícies tocadas.

Conforme a intimidade entre língua e instrumento vai se processando, a gatinha se mescla ao instrumento e seu portador. Tanto e tão profundamente se dá identificação que os limites entre um corpo e outro se distraem. A gatinha já sente que sua língua pode tanger as cordas e produzir um acorde menor que estimula todo o resto de seu corpo.

(Os dentes quase não machucam. Tocam-me lentamente, produzindo uma leve pressão que me excita.)

Prendem e soltam; um pulsar de emoção rola de um corpo a outro. Os movimentos são lentos, cuidadosos. Este momento cresce nos dois corpos, “já que somos uno, ‘senza’ porteiros. Somos som e tato ao mesmo tempo”.

- Como ela sabe tocar um instrumento!

Nessa cai não cae zeloso me atendo e...

me espanto com estas indiscretas e urbanas lunetas.

Julia Pascale

Julho/agosto – 1985

É como se houvesse uma venda sobre meus olhos me preservando e protegendo dos violentos encontros de fim de século aidiano.

Ela me veda a visão destes tratores humanos, destes seres deslocados, buscando afluência e conturbadamente seus eixos perdidos, corrompidos pelo ego, massacrado pelo pique cocaínico e pelo engano do “eu posso”.

15/08/85

Que ponta é esta que mergulha no meu foco/olho distraído?

Será que indica uma direção nova?

ou é apenas o estralo dos dedos do amigo ao lado que grita:

“Acorda! ô meu, o trem já vai partir.”

15/08/85

Desmanchar

os mitos

as formas.

Tornar-se um sopro.

É perigoso!

Beliscar também é preciso.

o poço é fundo

fosco

turvo

mas há o sopro

aquele fluido evasivo

consciente

ainda sensível

ainda voluntário

que do nada

cria os atos

e retoma em nova forma

este corpo

que de tão cansado

rejuvenesceu

e agora

pede e busca

somente um copo d'água

para espairecer.

Julia Pascale

Olhos fixos em

Fogo morto

mortiço

ardendo

Som e músculos tesos

Vento e ruídos

tentam apagar meu fogo

porém também ardo

de ritmo

e pulsar

Um homem

um pinto

Fausto, Décio,

Amar, trepar

Que emaranhado

nesta aranha seca

pedinte

de porra, muita porra

pra criança

pra brotar

desabrochar

queimar.

Agosto 1985

- E esse aqui é de japonês!

O japonês que estava passando naquele momento se inclinou firmemente para a mulata de jeans que estava sentada no banco da praça ao lado de mais três pessoas.

O japonês firme, não violento, mas firme mesmo, enlaçou seus braços às costas de Jesuína (que nome santo!) e a levantou à sua altura. Jesuína e seus longos, longuíssimos e cheios cabelos negros encaracolados, colou sua cara à do japonês firmão.

Ele sentiu mais que a cara, as pernas, as coxas, a buceta, a barriga, os peitos (ai que gostosos! Durinhos, com aquele reguinho bem cumprido) e a apertava, sempre alerta, contra si.

Ela gostou bastante.

Se ajeitou um pouco melhor, virou a cara para frente roçando o nariz na bochecha pálida do japonês e seu bafo sussurrante o enterneceu:

- Tá bem, vem comigo, que eu te levo pra Copacabana, querido.

E se foram os dois num roça-roça elegante buscando a chave do Maverick vermelho do japonês.

Mas eu notei que a bunda de Jesuína rebolava, ribombava, mas não desgrudava da calça do japonês.

O loiro que tava ao lado dela no banco “se fué”.

Eu virei a página do “Rasguei a Capa” e li a última frase de um conto pro meu amigo Elias:

- O nome dele era Takomei.

Setembro 1985

Experimento os teus limpos, lívidos, felizes toques e você toda linda e inocente nem percebe que sou um diamante bruto, cristal que brilha só depois de lapidado.

Nada novo! Nada disso!

Cristalinamente você me vê e eu é que me engano, tentando rolar em busca daquele brilho mas sem certeza da escolha da montanha reluzente.

Bobagens! românticas! disfarçadas!

Pra que fazer poesia do que se vive? pra quê?

Sinto que há um sentido, meus olhos choram esse sentido, esse pra quê tão impulsivo que quanto mais íntegro, quanto mais descontroladamente necessário, mais verdadeiro, menos “poético”.

Uma “não se saber mais” vai chegando sem avisar e trazendo novas “necessidades”, novas luzes, verdes, penetrantes, mas cuidadosas. Verdes sim, como as minhas matas queridas, como meus olhos pedintes, rastreadores, procuradores do sagrado e do profano.

Ai! Cristais de esmeralda, como posso revelar que qualquer corpo humano faz pum e que às vezes tem som; outras tem cheiro, e pode não ter nada disso também.

Julia Pascale

15/10/85

Gostaria que o cinema tomasse da era industrial somente sua tecnologia, mas não seu modo de produção, desrespeitoso, opressor, gerador das diferenças de classes.

Que arte cruel!!!

Ou é o Brasil, colônia mais uma vez, mais uma vez se manifestando?

Bestas criadoras, ratos e ervas daninhas se colocam lado a lado à disposição do grande “manager” e sua equipe de picuinhas, seres menores, perdidos na busca de um lugar ao sol.

Quelle Merde!

Cette parole do Teatro, aqui, perde totalmente seu conteúdo, seu significado mágico.

A arte de “Vera” destrói o que há de fundamental no sentido de “Merde” – solidariedade artística.

E eu aqui na busca da luz, tentando iniciar um gesto de criação, gestando para a (a)parição em dezembro!!

Que contrasenso!!

Como fico puta! Caralho! Não é bonito. Nada disso é bonito. Me sinto profundamente desrespeitada e usada.

Meninas, eu já sentia isso antes, por vocês. Mas minhas sugestões não foram aceitas. Não se tentou deter o processo rolo-compressor no início da sua caminhada.

E eu via tudo.

E vejo ainda.

Só que agora cada vez mais distante e desencantada.

Não vale a pena escrever pra este tema, não mais. Encerro aqui meu manifesto de desagrado.

Julia Pascale

Não contente
 Satisfação à zero!
 Barriga cheia mas não equilibrada!
 Êta sensações bestas!
 Besssstassss!
 Êta Êêêêêêeeeta!
 (Ai que sono!)

A bruma fria da manhã me revela um pequeno toque de nostalgia.
 A tristeza me pegou desde o início do dia, ainda ontem.
 Invasão do sono tão brusca e chantagista, tão cruel e amiga.
 Fumando charuto, hein Alberto!!
 Acordando! Vamos! Acordando!

E tudo se faz realidade!

Que momento pastoso!

Não escrevo porra nenhuma, mas não paro. Olho para a rua e não vejo nada inspirador.

Minha garganta me expulsa, me põe a expressão na beira da língua, do dedo, do olho, sei lá, qualquer saída serve...

O fio se perde pelo caminho. Vem um bocejar, um desvio do olhar e uma mão boba (a esquerda porque eu não sou trouxa) vai para a cabeça pensativa e confusa.

Mas a outra, êta, essa é que direita, correta, responsável (ai que careta!), essa não deixa escapar nada, nem a coceira na orelha direita ela vai amenizar. Deixa que a outra, meia desajeitada, cruze a face e enfie o indicador no buraco irriquieto e vibra, coça, desliza, - tudo já se normaliza.

“Mira, muchacha, como tu letra está péssima”. É aquele furacão que chega originário da garganta que em vez de se soltar vai jogando estímulos pro resto do corpo que vai sendo tomado de uma sensação de insatisfação física. Aquele querer colocar a pele, a carne, em contato com outra superfície e para lhe imprimir esta marca única, sem tradução, sem similar – tua personalidade gata.

Rosa choque, preto e cinza e amarelo
Tuas cores, teus signos.
Tua personalidade, gata.
Rosa, preto, cinza e amarelo.
Juntas ou duas a duas
vão registrando suas marcas,
oferecendo variações visuais
de acordo com o que quer expressar
essa irriquieta garganta.

Peixe morre pela boca
e Touro, também?
Não, ele vive por aí.
Em manada ou
solitário,
seu volume
nunca passa distraindo.
Passa penetrando
demonstrando rotas,
desviando caminhos,
atraindo mãos, olhares,
e até corpos inteiros.
Esses é que ele quer.

Ser desconhecido até para si mesmo,
Vê seu corpo aumentando
sua barriga tomando vida própria,
seu cabelo a crescer descontroladamente,
mas seu rabo escondido volta a se manifestar.
Grita:
“Me deixa livre ou eu te fodo!
Me bota relax ou eu te estrepo!

Me põe são e salvo para fora que eu tô te avisando!
 Não esquece do que eu te disse, perua –
 Rabo preso traz dissabores,
 e é melhor ele livre, sozinho e são
 do que ligado a desamores e doenças”.

- Ai, sai pra lá pulga maldita –
 me pica sempre essa danadinha!
 Tô conversando com um amigo viado,
 ela me pega atrás da orelha.
 Se estou com meu irmão,
 ela chega até minh'alma.
 Se percebo a cabeça a coçar
 vou logo pro telefone
 e busco um pesticida.
 Agora, se estou trepando,
 ah! aí é que ela não perdoa!
 Vai pro cérebro,
 e se de lá eu a espanto
 ela corre pro meu coração
 e depois se instala na minha buceta.
 (olhai a garganta se negando a dizer palavra “feia”)
 e fim.

Só um grande amor!
 (Não faça promessas que não possa cumprir –
 repetiu o rabo que agora já se move livremente)
 Só com muito carinho!
 (pensou no Marco, hein safadinha?)
 Tenho que terminar!
 Porque tudo tem que terminar, ou pelo menos ter fim.
 (o que já ocorreu há sete linhas atrás).

Neste caso vou aproveitar, não a falta de inspiração, mas sim o fim do caderno.

As próximas páginas são autênticas e registradas pelo papagaio loiro do bico doirado, lá do interior de minas gerais.

Ele é filhote ainda, por isso não repare na força da caneta sobre o papel.

Ele está aprendendo aos trancos e barrancos, a rasgar a alma pra vocês.

Julia Pascale

Um tiro certo
bem perto da orelha
pegou minha tia
de calça e de meia
de nylon, bordada
pra não amassar
pois no Guarujá
o namoro é certinho.

Contente, gordota
vai prum pic-nic
esquenta a comida
e carrega no olhar
se mira
se vira
alegre e no cio
com aquele tio
gozado a andar.

Que pena, a coitada
perdeu-se no mar!

Perdeu o marido
gordo, bonachão
que só alegrava
o seu coração.

O filho não teve
seu ventre aparente
tinha muito vento
ou massa, ou vinho
que um bom italiano

sabe apreciar.

Voltou pra São Paulo
e achou dois velhinhos
seus pais pobrezinhos
e foi com eles morar.

Voltou pro Glicério
pro berço, pra infância
mas o Parque Xangai
não há mais,
os soldados do quartel
são muito mocinhos
os irmãos se casaram
e a cidade aumentou.

Arranjou um emprego
um cargo do governo
na Secretaria da Agricultura.

Ficou feliz
era útil
precisavam dela
os pais e
o INCRA.

Criou o costume
de agradar a todos
assim ela achava
que iam gostar dela.

Mas tudo era estranho.

Sua vida se reconstruiu
certinho, certinho.

Antes de dormir
ela passava um creme nas bochechas
outro nos olhos
e mais um no pescoço.

Colocava o pijama
verde no inverno
rosa no outono
amarelo pra primavera
no verão é melhor camisola
por causa da ventilação.

Depois de escovar bem todos os dentes
pegava 8 “bobs” e os enrolava
nos loiros e curtos cabelos
colocava um lenço de seda
observava as unhas
(o esmalte não podia falhar)
e no quarto antes de deitar
escolhia a roupa
pra o dia seguinte
(“Duas mudas –
Nunca se sabe se vai amanhecer chovendo”)
Colocava o sapato por baixo da cadeira
observava os pais
despedia-se com
“Durmam com Deus.
Se precisarem de qualquer coisa me chamem.”
Guardava os óculos

tirava o chinelo
abria as cobertas
deitava-se com cuidado
de costas
pra não desmanchar o cabelo,
apaga a luz e
fecha os olhos:

“ Ai, meu Deus!
Hoje fiz tudo certinho!
Liguei pra Nina
pra ver como ela estava
e as crianças.
Comprei o presente do Paulinho,
meu afilhado querido.
Tomara que ele goste!
Dei o dinheiro da feira
pro papai e pra mamãe
e organizei toda a papelada do INCRA.
Acho que vou comprar um carro.
Vou falar com o Toninho/que ele tira mais barato lá na Volks,
assim economizo um pouquinho.
Amanhã não posso esquecer que é o aniversário do Paulo,
se eu não ligar pra ele vai ficar triste comigo.
Ah, também não posso esquecer de
entregar a vasilha que eu prometi pro seu Zé,
zelador do prédio da Secretaria.”

Suspiro profundo
Insônia
Comprimido
(“Dois – assim durmo mais rápido”)

Sono.

Anos e anos

Muitos anos

se anestesiando

com calmantes

gentilezas

obrigações e

outros inventos.

Morreu o papai

(“Agora eu vou cuidar da mamãe)

Morreu a mamãe

(“Agora eu cuido da casa

e me alegro com minha irmã

que mora aqui do lado

e tem dois filhos.”)

- ME EXPULSARAM DA CASA!

Nina!

Paulo!

Cida!

Maria Julia!

Lori!

Donató!

Vito!

Nicó...

ONDE EU VOU?

ONDE EU VOU?

“- Ninaa, deixa eu morar com você!!”

O mundo foi sumindo
“Me orfãlizei totalmente”
Perdi meu cantinho
Meus gostos sumiram
Onde mais posso estar?
Com quem?
Fazendo o que?

Vou me matar!!!

Matei-me!
Ai, que alívio!
 que paz
 que silêncio
 que calma!

Encontro-me inteira
 liberta
 flanando

Estou flutuando
 feliz
 radiante
 ainda confusa
 mas já vendo a paz.

Sei de meu gesto
e quero de todos
a cumplicidade
que em vida
não pude
não soube expressar.

Adeus, meus amigos
Adeus, meus amores
irmãos, amigos, sobrinhos.
Eu vos amo muito
e espero que todos
entendam que aqui
eu encontro o que todos procuram
em qualquer tempo
em qualquer lugar.

Estou feliz! Adeus!!
A...d...e...u...s

Isabel
23 ou 24 de Fevereiro de 1986
Domingo.

Versinhos – Selma – Fontanilhas 1986

1. Folclore

Lá de trás da minha casa
Tem um pé de sabonete
Vou chamar meu namorado
prá tomar café com leite.

Já vem uma “galça”
voando com tesourinha no pé
vou cortar a língua dos “home”
que fala mal de mulher.

Lá de trás da minha casa
Tem um pé de abacaxi
Vou contar pra minha mãe
Que essa noite eu vou fugir.

2. Em dupla – improviso poético: Selma/Julia

Passei pelo Rio Juruena
Puxei um piaú
Contei pra minha mãe
Andei no barquinho
junto com estrelinhas
Fui no Juruena
Puxei uma traíra
e um tucunaré
Mas como eu sou pequena
Não posso andar
Com tanto peixe na mão
porque senão eu caio e racho.

Eu vi uma cobra
no Rio Juruena
eu vi uma sucuri
e eu fui na fazenda
e eu vi um burro “rinchando”
ele estava muito bravo
que correu atrás de mim
até a cobra sucuri
correu de medo do burro brabo
e de mim.

Eu vi o “Leão” morrendo
(tava nadando, né?)
Eu chorei porque pensei
que naquele rio amigo
(ia ficar o meu cão)

Eu tô no Hotel Fontanilhas
vi um gava-lume
daí a Vanusa, dormiu
com nós no quarto.

Eu perdi o tom dos galos
que cantavam as horas da tarde
porque pensei no diapasão
pra encontrar o porco som
Só que o quarto e o gravador
foram fortes, nos chamavam.
Minha amiga quis ouvir
outras “musgas” registradas
E a cigarra e seu trinado.

Arrumei uma amiguinha: Julia

Eu gostei dela muito

minha amiga

eu amo ela

A minha amiga é a Selma

ela já tem 7 anos

Nós banhamos no Juruena

Eu e você vai banhar de novo

agorinha quando nós

acabar “sa musga”

Então vamos começar a pensar no fim da história
pra poder ficar inteira.

Eu também já banhei no rio, bastante.

Eu gostei do rio, É gostoso.

A Julia gostou do rio.

Ela queria travessar o rio de barco

Mas só vamos pegar o remo

e a canoa no mês que vem

quando eu aqui voltar e

reencontrar todo mundo.

1986

É de manhã

Nada se sabe

Das caras lívidas dos passageiros
dos preconceitos sempre aparentes
da longa unha do negro ao meu lado
do seu sorriso franco e amigo

E eu criança

me espanto e

me meto neste caderno

pra não olhar

pros olhos deste ser amigo

bêbado?

pedinte?

andarilho convicto!

e os outros a me ver.

Regras básicas de sobrevivência na cidade:

Andar com altivez

Olhar de frente

Preservar seu coração

Nunca atender nenhum anônimo chamado ou

assovio.

Sinto que estou a esvaír-me
Quanto mais a artista me pega
Mais a mulher a fugir

Sinto saudade
Sinto-me apertada
Sobra-me tempo
Nem mesmo este vento
pode aliviar

Estou apertada
Estou preguiçosa
Trabalho bastante
Mas só com o sol

Nesta linda hora
que a noite vem vindo
quero teu corpo, tua mão, teu olhar.

Este choro que sai
que sai sem gemido
que sai seco assim
parece um lamento
antigo, mesmo grego
que outras mulheres
estão a rugir.

Não se assuste, eu amor
Nós sabemos que as palavras
quando lidas ou escritas
trazem gosto diferentes
daquelas pronunciadas
sem graça, vida e amor.
As primeiras são bem-vindas
as outras, sempre evitadas,
provocam grandes enroscos
escondem rostos, olhares
e até ruídos de dor. e até ruídos da dor.

Muita pena segurei
e o barco não voltou.
Naquele rio encontrei
um irmão já mais que irmão!

E tanta fraternidade
causava uma espécie de horror
aos que da margem avistavam
as festas, os risos, o louvor!

Este temor ao que é bom
assalta os homens cruéis
que cegos, despedaçados,
amortecidos até,
depredam almas alheias
cristalizam sem pudor
carnes mortas... sem viés.

A cada vez que te vejo
é mais forte o estar com você.

Se de longe
Só te lembro
vou construindo mansinho
um novo estar sem você.

A compreensão solitária do mundo e de si mesmo é uma condição inerente a todo o Ser Humano.

Depois daquela tarde sentados na estrada próxima à aldeia em que nos revelamos e nos emocionamos, eu aprendi que se pode caminhar ao lado de alguém.

Com você um novo gostar se apresentou pra mim. Ainda não o conheço. Será que isto é possível? O conhecimento do gostar?

Não, isso é mesmo babaquice. Gostar é só isso mesmo. Gostar! E pra que mais?

Quero ser séria e grave pra te revelar minha ligação em você.

Mas não é preciso.

Um pássaro branco voando trouxe as três folhas da fortuna e o fruto da paixão.
Sua mensagem é clara:

“Assim como o sol do meio dia ilumina e alegra a tudo que existe sob o céu, o povo chinês reza para a terra e...”

Duas luas se passaram e ainda neste solo passo a expressar:

“Será que do outro lado do mundo, a lua também estará cheia? Não, estava minguando, pois dois dias se passaram, e eu continuava suspensa, como o pássaro branco, que traz a mensagem pra terra das folhas novas e da paixão.”

Um pássaro branco voou e trouxe a mensagem.

À Maninha

Almas se entrelaçadas
Assim sempre seguirão
Onde quer que o presente esteja.

Às vezes se materializam
caminham concretamente
para outro estágio alcançar
Mas a comunicação eterna
nada consegue romper
e assim que a dor vai passando
se esboça um novo viver.

Xará de experiência,
Vida e Morte são iguais
senão como poderíamos
sentir o céu sobre nós,
melodias encantadas,
pássaros a assoviar,
os peixes nadando no mar
as plantas sempre a crescer
e um perfume da maçã?

Julia Pascale

Muita pena segurei
e o barco não voltou.
Naquele rio encontrei
um irmão já mais que irmão!

E tanta fraternidade
causava uma espécie de horror
aos que da margem avistavam
as festas, os risos, o louvor!

Este temor ao que é bom
assalta os homens cruéis
que cegos, despedaçados,
amortecidos até,
depredam almas alheias
cristalizam sem pudor
carnes mortas, sem viés...

Falar de morte, do irmão,
de assassinato, traição?
Não sai letra nem palavra
que expresse o que corre
o que vaga
o que chora
o que sofre
o que sente
o que pulsa
o que prende
o pobre, atônito
coração.

Póstuma Aliança

Hoje sou a tua noiva
pus teu brinco
tua pulseira
lembrei dos nossos passeios
peguei foto
olhei teus olhos
conversei sobre você
comi banana e assei milho.

Por que só revelo agora
o que já não se pode viver?

Só pra te homenagear
serei tua noiva eterna
menina, quase ingênua,
que beije a testa, acarinha.

Um mês lunar

O choro de uma nova vida
Um olhar só um pouco profundo
despertam a melodia do amor
da comunhão, do carinho.

A fumaça em água quente
um cheirinho de hortelã
este ar de acampamento
minha índia quer dançar

Procura sem homem distante
tece em seus sonhos um par
acredita no futuro
na arte, na vida, no andar.

Que lágrimas constantes
transbordam da forte emoção
elas me regam, avivam
Faz chover o coração.

Ainda um francês

Quéd minha decisão?

Quéd a tal solidão?

Teu coração tá pequeno

parece criança pedinte

Não deixa ele te levar não

Segura a rédea

Pega até no reio

mas não sirva pro papelão.

“Quem?” já é um limite

que não cabe explicação

Vê se fica bem segura

não despenca pr’ele não

Esse amor nunca existiu

É brinquedo de menino

Só carência, enxerice

“Vamu vê no quê qui dá?”

Tá aí: Não dou, Não dou!

Before Transpiração

“ Adeus

Vou pra não voltar

E onde quer que eu vá

Sei que vou sozinha...”

“ Quem mais sabe de mim

é o espelho do meu camarim...”

Mas se tem um ponto de luz à minha frente ainda,

sigo-o, percorrendo trilhas,

acompanhada às vezes,

desbravando corações,

penetrando olhares.

Que venha a luz!

Que eu vá à luz!

Convulsão de lágrimas
Berros surdos
Arrotos cheirosos
Explosão de sorrisos
O mais agudo dos gritos

Contemplo
Te recebo
Sou feliz.

Gelô, Plásticos e Arnica
Faixas Múmiás
Morte e Repouso
Noites Antigas me invadem
da Índia
do Egito
do jovem Brahma
de Quioto

Música de 60
quarto desarranjado
Reflexões
Paz
Emoções
Eixos
Articulações
Luzes
Lágrimas
Morte Animal
Sentimento Maternal
Sentimento Fraternal
Chimbica
Barão

Eleição

Ensaio

Klauss

Luís

Dupla Amiga

Minha e dela

Volta a dúvida

O ser superior é chamado

Coxa Femural

Lulu, ainda bem

que eu tô aqui.

Toques de pianos

de sinos

de sopro

Do sopro vital

que já me beijou.

Da lua redonda

que me banha e a ti

Desta emoção que pega de chofre

quando me reporto

ao amor doce morno

que bate bem aqui

Meu cenho se franze

e o espírito voa

dança se inebria

repica o meu centro

e quase te vê

Fausto é teu nome

Julia! Será este o meu?
E estes dois podem ser
aqueles que estão
numa tela alheia
que brilha pra mim

Não é lua
Não é luz
É tubo de gás
que traz preto
traz branco
outras vezes traz cor

Daqui observo
uma estória verde
com gente que sopra
mais forte que o vento

Julia e mais Fausto são dois personagens
Cavalos correndo
num pasto selvagem
Cavalgam solenes
querendo alcançar
a solene montanha

Movimentos perfeitos!
O galope é pesado
porém mui gingado
revelam que sabem
da terra e do ar
No seu caminhar
parecem um só

E correm movidos
pelo coração

Os gritos que ouvem
lhes dizem de coisas
sem nome, sem cor
Mas com tanto ardor
se mostram na mente
que os dois cavalinhos
perseguem os passos
destes mensageiros
que ecoam no ar

Suas pistas são outras
se erguem em espaço
que poucos conhecem
e aqueles que mostram
por onde se andar
só falam em sussurros
lúcidos elétricos
cadentes sublimes
que nem fotografia
pode captar

Luneta binóculo
rádio ou radar
são meros brinquedos
pra estas mensagens
que chegam por sonhos
por sopro
ou imagens puros
de essências

Pegaram os passos dos outros

amigos

que já cavalgavam

com pena, com dor

Agora conseguem

bem mais pacientes

trilhar o caminho

que vinham seguindo

mais encorajados

mais objetivos

com uma casa forte

pra lhes proteger

Os dois jabutis

caminham bem juntos

passeiam felizes

buscando a montanha

que o peixe e o touro

querem escalar.

Enquanto eu chorava na esquina

à frente calma e cinicamente

seguia o monstro frustrado

De uma de suas mãos

corria sangue

Sangue meu

Criatura transformada em vítima

por um simples telefone

no orelhão da esquina

Eu, mutilada agora

jogo pro céu o meu rancor

Sinto como Édipo cegado
revolta vinda do cú
ferido, marcado, sentido.

Mas o monstro segue impune
com seu falo de cachorro
esmagando outras almas
mutilando outras auras
subtraindo outros membros
sensíveis, ingênuos, cândidos
expostos à vida
soltos à invasão.

(Que força danada
a gente tem que ter.
Pior que ter força é ter que usá-la,
Não contra o inimigo
mas para manter
a si e ao redor
sustados no alto
num ânimo pronto
e a esquecer e a sorrir.)

Enquanto o valentão
em seu passo de mamute
marcha de peito estufado
com a boca cheia de gosma
da alegria usurpada
da menina cuja bunda
lhe atraiu como a um abutre
atrai a carniça podre,
o corpo foi transformado.

A beleza cristalina
agora é sangue pisado
coagulado pelo estupro
da mão ditadora
do grandão
sobre o meu culhão.

23/03/86

Como é que posso estar
neste em momento tão doce
e ao mesmo tempo tão cega

As vagas de ternura me alisam
intercalam-se as de aflição.

Mais uma vez
um novo momento
juntos.
Tenho medo de que a felicidade se vá.
Reservo-a.
Não deixo que ela exploda precocemente.
Pressinto-a fortemente.

Sei do futuro
Não creio no meu saber.

Me sinto sábia e menina
Realizo nosso encontro
e dou pulos de puro prazer.

Não sei porque tenho que vir a este caderno
No mesmo lugar
com a melhor caneta

Que impulso me leva a suspender tudo
e vir ter aqui comigo?

As lágrimas que tanto queria
estancaram

O grito que tanto guardei
sufocou-se

O telefone vermelho calou-se
A tristeza parece que só passa por mim
mas não se retém em meu corpo

O que sinto neste momento ambíguo?

Que representa o crisco de cortar outra vez a carne?

Ao mesmo tempo que sinto aversão e me vejo vítima
Sei que este será (se for, o que não creio) mais um obstáculo.

Distanciar-me do mato
Adiar mais uma vez o amor
Encerrar-me em mim
Ansiar pelo resultado e

Escrever

Que ambigüidade tão concreta!
A língua se perde
Eu também.

Saquei que escrever para mim é como dançar.

O que eu sei e devo aprender é fazer grandes linhas no ar como um trapezista paleolítico.

Improviso de voz é só mais uma cena deste grande Teatro Vital.

11/10/86

A sociedade indígena é

ARTE

a nossa é só

POLÍTICA

CAQUÉTICA

EPILÉTICA

ESTRAMBÓTICA

Somente alguns profundos olhos verdes

podem vazá-la

Que tribo é esta?

Uns de amarelo lêem seu script

conversam com seus parceiros

comandam alguns escravos

se pintam

se comem

se encharcam

16/Dez/1986

LUA CHEIA

1º Dia

CALEIDOSCÓPIO
(UM GESTO SÓ)
GESTO FEMININO

À Juçara

À Julia

Estou me sentindo mais selvagem e querendo me abrir neste sentimento. Meu ser primitivo é que não me permite escolher os textos. Meu sexo está bem próximo de mim.

Leio cordel: - o simples e rápido.

: a vida de Mae West – a “star”

: meus sonhos – minha energia.

Me emocionei hoje com CALEIDOSCÓPIO.

Não quero escolher textos.

Quero desenvolver energias.

Aparece mais frequentemente em minhas mãos. Como um ímã toma meu ser pela garganta e a respiração.

Já senti no ventre, especialmente com o Vincent e o mar.

É uma ROCA

ROCA ROCA ROCA RRRROCA RRRRRROCA

Ela é bruta, muito forte, me descontrola, me tira do caderno,
vem pro olho,
pra voz,
pra boca,
pro cenho,
pras entranhas.

É um bichão que tá aqui dentro querendo se libertar.

Ainda não sabe como, mas é brilhante; pode assustar um pouco a todos e a mim mesma, mas sinto que esta explosão é o que eu quero provocar. Esse rugido há que se transpor pro meu corpo, esse pulsar há que se expressar cá fora.

Minhas mãos se movem sozinhas, livres, em grandes movimentos, por isso a escrita sai assim; o caderno, a caneta, a letra, a língua, são grandes prisões, pra este quase arrebentar os olhos, as veias, o pulso.

O que eu quero é conseguir retê-la, e controlá-la. Lentamente e Intensamente, com Sofreguidão, Emoção, Comoção. Quero destilar este calor e por no palco toda essa que eu posso ser, ou sou, sei lá, ou és, Juça, você.

Ou somos todas as mulheres, magas, morganas, feiticeiras, mães, mulheres-fêmeas, avós e amor.

Quero poder pegá-la a qualquer hora, e poder brincar como fiz agora com os dedos e a voz em sussurro interno, intenso, truncado, trinado, segredo secreto. Ssssss sibilinamente cobra cascavel esguia leve destruidora e criança.

Hoje eu sinto que sou UNA, seja lendo, dançando, namorando, amando, lavando o chão ou a cueca

Sem censura

Sem barreira

Muito mar

Muito espaço

Muito amor

Muita energia

Dança Arte

M Ú S I C A

M Ú S I C A

M Ú S I C A

A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
AH	AH	AH	AH	AH	AH	AH	AH				

Volto às boas
à calmaria
Delineio estas linhas
que constroem um pensar
que está em desalinho.

Me organizo
pra rimar
busco a paz
a outra magia
das palavras
pra explicar
que esta fome
que eu sinto
vem de baixo
a pulsar
sua origem
é bem no centro
desta Terra
que me guia.

Sou agente
 mensageira
do que não tem expressar
nas palavras portuguesas
ou francesas tanto faz.

Nambikwara é o meu guia
pé na terra a latejar
ventre firme inteiriço
corte em lâmina vibrante
reluz tudo em sol ou lua

(e as estrelas pra contar.)

Ranjo os dentes

Mordo os lábios

Faço Éssessss

bem compridos.

tô com sono

saco cheio

quero expor/é ver tudo pro palco/cá fora

Basta já de explicações

Minha Juça já sacou.

Vou cortar a dor no peito

Respirar um novo ar

Soltar membros

energia

que até agora se calou.

Não me rendo a mim mesma.

Um suspiro de ironia

Segue firme a me reter

Será Sansão ou Dalila

que o cabelo despertou?

Riso estranho me acompanha

me observa sem parar.

Sou as duas

muito claras

A que fica

a sorrir da

quela que

segue a escrever
a outra faz
e as que sentem
também vão
se juntando
nesta só.

Os meus olhos seguem baixos
Minha cabeça balança
Os meus braços andam firmes.

Vou saindo de mansinho
sem deixar de responder
A estas todas mil mulheres
que aqui representei.

17/Dez/1986

ANOTAÇÕES NADA IMPORTANTES

O que é que há agora

A sabidona, a feliz

tá com medo, tá travada?

Tá bom, sem dureza!

Só compreensão.

Houve uma grande decepção

Com quem?

Com você mesma

Com sua credulidade

Com sua ingenuidade

Mais outra apreensão.

Esta instabilidade!

Quanta emoção diferente

pode conviver num único ser.

Que morgana pode ser você

Se tua fêmea, se recolhe

por insegurança?

O que te faz olhar estas quatro meninas dançando

ciranda, todas as noites?

E porque elas recolhem esta luz?

O que te leva a fazer tantas perguntas?

Por que não dormes tranqüila ao lado deste homem amado?

26/01/87

Escrever

Reescrever

Escrever

Reescrever

Escrever! reescrever

Ver

Ter

Ser

Lambendo

Lam

Bem

Do

Gos

to

so

Ssscrever

Reessscrever

Ciscando

Cishsh

Can

Do

Cariocamente

Ciscando

Cânto

Cântando

11/02/87

Como é bom amar bastante
Poder olhar pra alguém que aqui não está
Dançar e Sorrir,
quando não mesmo Gritar
um surdo berro de amor
de dar
de agradecer
de gingar
de suspirar

Dentes serradores
cortem meu suspiro
prendam meu anseio
acolham todo este ar
que sai quente
sai bem cheio
de gemidos
bem compridos

Olhos buscadores
curem-se nos meus
mesclem-se às meninas
que te buscam a querer
deixem –se abrir
ofusquem-se de amor
transbordem de emoção
que cá estou
para colher
pra te acolher
pra te querer

pra te prender
pra te comer
pra te gemer
pra te elevar
pra me suster.

Ter que ver
pra te pegar
Dar de abraçar
e não largar
Ir depois vir
sobre teu ser

Sempre a lambar
Sempre a te tomar
em azul
em gingado
lua cheia
terra aberta

linhas longas
curvilíneas
que se esticam
pra te achar
que não querem
te perder
que te sentem
ao dormir
que faz o mundo
parar seu giro
só pra te encontrar
vendo o sol brilhar
o violino a subir

tocando o brilho interno
que se expande e
vasa
pega tudo em volta
faz tudo vermelho
 branco
 cristalino
 azul
 celestial

torna as linhas claras
faz brilhar meu sol
mesmo nestes prédios
a se erguerem aqui

Gritos portugueses
guitarras além-mar
grilham meus sussurros
levam-nos pro céu

Com barco a deriva
singro firme sobre a água
vou rasteira te buscar
com a língua sempre tesa
e os pés num rito só.

Pulsa tudo de mansinho
te esperando pra te amar
largo o corpo
 sensualmente
pulo linhas
 calmamente

que ficando em branco revelam

o que sinto

o que prevejo

Sigo atenta a me ver

na expressão dos sentimentos

que lá dentro vão ganhando

formas firmes

sinuosas

longelíneas

va g a r o s a a s s s

p r e g u i ç o s a s

11/02/87

Um cocô todo entrevado
O vento sacode as folhas
A lua segue a brilhar.

Hum! que mau gosto, dirão uns
outros concordarão.
Mas a maioria mesmo
nem estas linhas notarão.

Acordei
 fui ver a lua
 e voltei
 pra me esquentar
 Frente ao fogo
 tenho força
 vejo nele
 teu olhar

Co'a bebida companheira
 Me transporto até você
 Sei que dormes, se enrosca
 bem pertinho de outro ser

Que prazer te conhecer
 Que alegria é te ver
 Pois com você tô aprendendo
 a viver como sonhei

Cada qual tem seu caminho
 se espraiando por aí
 mas tem um certo cadinho/pontinho
 que nos une por aqui

(1)

Hoje acordei de novo
 Sentia saudade
 Estava feliz
 Cantava: Saudade, meu bem, saudade
 Sôdade do Meu amor
 Cantei mais

Te chamei no tel. vermelho
 Te senti na Cuiabá
 Dancei mais
 pra você
 Ouço Sodade meu bem sôdade
 Dançarei

a voz rouca
te querendo junto
te sentido lá
Busquei um disco
Nana Caymi
Voz rouca cantando
Saudade
Amor
Paixão
Solidão
Dancei

Cantarei

Agora

Havia uma tartaruga
que andava esse mundão todo.
Um dia no seu caminho
achou um novo companheiro.

Esse animalzinho
era grande, ensolarado
andava sempre agitado
com o coração aberto
recebendo a toda gente

A tartaruga alegre
ficava olhando pra ele
ia gostando aos pouquinhos
ia tentando entender
que animal era aquele
de olho claro igual a ela
que a encantava bastante
que a fazia aprender.

Sei que tua arara já pousou nestas árvores
E este rio já conhece teus pés
Estando eu neste lugar agora
Me sinto perto e dentro de ti.

Muitos sentimentos me tomam
Mas meu amor por você cerca os outros.
Sentindo-o fico mais livre
Te amando eu vou me compondo
Compreendendo que a vida
flui mais fácil se o amor
vai correndo sem correntes.

Há tanto tempo estas lágrimas
(estão para sair)
Formam-se fundo
mas param por aqui
Esta tua amiga
anda dividida
Sabe muito da vida
pensa essa danada
Mas qual, que trapaça!
Ela não sabe é de nada.

Agora que achou um novo namorado
fica toda enroscada
vagando ao luar
Ela pensa no Fausto
Ela pensa na Arte
Mas não consegue
Sair do lugar.

Acho que tem medo
de se envolver
cortar os seus planos
ou ter pouco ao Vincent
Às vezes se pega
pensando distraída
só mesmo desejando
ele ao amanhecer.

Ai, que pequenininha
tua amiga ficou
Chora, fica aflita
liga sem ter o que falar
suspira à tarde e ao luar.

Menina, amada
Receba sem susto
sem preocupação
estas notas saídas
do meu coração.

Tô triste, que nada!
Só mesmo confusa
Acho que é paixão
E eu na confusão
suspiro de aflição.

Acho que tô cansada
de andar sempre só
quero um bem-amado
pra me acompanhar.

Mas tem que ser agora?
Tem que ser assim?
Ele anda complicado
E eu toda cheia de mim!

Ai, ai, ai, ai, ai
Ainda bem que 'cê' tá aí
Posso reclamar
Posso resmungar
Mas eu tô contente
de viver assim
Tudo é sempre novo
e eu vou indo, sim.

Primeiro Trimestre de 1987

Eh! Vida bonita!

Uma lágrima, a rejeição

Uma confissão de amor!

Cheiro de urucum

de pau virado

de essência

mãos lisas

olhos puxados

um agrado

de abandono!

Cheiro de urucum, de pau virado, de essência

mãos lisas, olhos puxados,

um agrado de abandono!

Às vezes, sinto.

Sou pedra e você água bem mole.

Furar hei?!

Choro, sangro

Chove em São Paulo.

A irrigação é completa!

Se há um choque, algum tormento,

Minha alma rebimba e volta

A tua se oculta, não sei!

Sabe o que mais?

Cansei de ser provisória!!

Alvorada em BSB

21/05/87 BSB Com Cartola

De dentro deste vulcão
busco uma saída lúcida
mas um redemoinho me atrai
e fico a vagar sobre ele.

Giro em falso
solto lágrima
fecho os olhos
nada encontro.

Às vezes um alívio me vem
canto pro sol que se vai
choro na beira da água
brilha lá longe uma luz
sinto o olhar dos amigos

Quando tudo se afasta
percorro corredores infindos
salto de mesa em mesa
escrevo palavreado
que não faz sentido algum
teimo em dizer que é assim
que se chega ao Oriente

E se lembro de um certo francês
o que não é nada raro
fico puta inconformada
“estar a seu lado” é piada

namorar traz prejuízo
Por que não fico com ele?
Por que fico descontente?
por que a saúde reclama?
E o coração quase grita?

Chega de interrogação
toma o rumo do destino
vai profundo beira a borda
que o vulcão tende a acalmar
drible o teu eixo, mantenha-o
que já já ele vai flutuar.

Acordei fui ver a lua
Encontrei a luz da Gabriel Gonçalves
Por um triz não perdi você

Não senti cheiro de mato
de terra
de água
caminhei
abrindo portas
torneiras
armários
meu xixi sai iluminado
não por Maíra ou Micura
mas pela Phillips e a Light.

“Pra chegar em casa
ela abre 6 portas
ao quarto 7
ao amigo 8”

Que progressão é essa
que se pretende tão civilizada?

As porteiras demarcam áreas
estipulam limites sim,
mas ainda oferecem
a visão do que há depois
e até a possibilidade de ultrapassá-la.

Nem portas
Nem porteiras
Passagens abertas
Trânsito livre
gente buscando gente
gente ocupando espaço
Sensa portas
Sensa porteiras
passo solto em corredores

quartos

terra

caminhos

Nas malocas

Nos lugares

Onde o Homem é precioso!

No orgulho da vida
Uma lágrima, rejeição
A confissão do pudor!

Arreganha

Reconhecete

Destrincha a buceta

Exala teu perfume

teu ódio...

E assim a beleza mais uma vez superou um assassinato.

E isso faz bem?

Na casa da Madrinha

Sentada nesta cozinha
estranha e ao mesmo tempo tão minha
Desabo sobre este bloco
amarelo, acolhedor,
aberto a qualquer autor

Deixo aqui um registro chorado
desta solidão tão crua e doce
do reconhecimento profundo
de que o sentimento querido
do amor entre mãe e filha
se torna tão grande,
tão belo,
que o corpo, a psicologia,
a mente do dia-a-dia
não capta completamente
Toma a forma de choro
porque esta é a expressão
do que vem das profundezas
do sentido de unidade
mesmo de solidariedade
dentre dois seres parentes
ligados clara e veladamente
pelo fio de uma só alma.

Poetas e Conversas sobre inspiradores cantos

Não vos quero agora.

Vos ouço sim,

mas meu torpor

não traiu a negra mão

que me acaricia sem me tocar.

5, 15, 20 minutos

um amarelo limpo e forte

e

adeus desesperos.

Duas mãos experientes,

íntegras, maternas,

vão,

voltam

volteiam

intermediadas por lubrificantes perfumados

removem

carinhosamente

as minhas carentes manchas

manhosas,

caladas,

tímidas.

Dedicado a Regina Malheiros.

(dar uma olhada na página 42)

Nós sabemos que as palavras
quando lidas ou escritas
trazem gosto diferentes
daquelas pronunciadas
sem graça, vida e amor.

As primeiras são bem-vindas,
as outras, sempre evitadas,
provocam grandes enroscos
escondem rostos, olhares
e até os ruídos da dor.

Oh! Minha pequena memória
Não me traia num momento delicado
E transporte-me fielmente
para o fim da madrugada.

Que estranho Universo
retém este meu corpo!!
Numa massa escura e viva
Flanam planetas coloridos.

Nas mãos eles são redondos.
Na esquerda é amarelo
O vermelho está na direita.
Cores fortes, muita massa
delicados porém firmes.

Giram em seu próprio eixo
lentamente
provocando leves deslocamentos
naquela massa noturna
muito úmida e quente.

Ela é viscosa, grossa
Um creme transparente
com muitas pontas brilhantes,
branco suave ou prateado
tudo lembra a cor da noite.

Muito bem, memória acesa,
vai transformando teus temas,
mas não me deixe agora
que só tenho a sensação

Busca, cata as palavras
traz pra dita realidade
o que ainda é tão fluido.
 está fugindo

Flutuando na cabeça tem uma esfera pesada
o caminho elicoidal
o ato, o conhecimento.
Parece um guarda, a danada
Entre o bege e a cor da areia,
nada uniforme

Esta, ao contrário das outras,
tem seus lados diferentes
Conforme gira ao alto
da direita para a esquerda,
tem uma face clarinha, leve atenta amiga
perscrutando todo o caminho
que vai da boca ao dedão
Como se fosse possível
um olhar passar tranqüilo
por toda esta movimentação

Conforme passa para baixo,
sustentada pela glote e a campainha da voz
sua clara cara se vira
e mira a masturbação

Êta memória safada,
já arranjou uma confusão!

Ela tenta amenizar

o emaranhado que vê
Sopra delicadamente
e se as linhas do pensamento
estão atentas ao vento
vão se tornando mansinhas,
Calmas ou rapidinhas
dirigem-se para novos e surpreendente lugares
e se colocam em nova configuração

Memória
Ser atraente
que é terrestre e transparente
Teus liames azuis celestes
te ligam ao coração
Só que este é na barriga
bate lá com mais espaço
solto grande vigoroso.
E ao seu lado a espaçonave
aterrija na vontade
grande e vítrea
tem sustentação de vigas
arredondada toda a forma
sua base é a mais firme

Na verdade é uma nave amiga
guardiã dos sentimentos
responsável pelos contatos
deste ser com outra gente.

Mas embaixo encontramos
um ser que a primeira vista
é escuro, enigmático.

Sua capa movediça
tem pontas finas na base
que se alongam em desalinho
conforme se afastam do ninho

Memória, ata teus liames
aqueles celestiais
e traz à tona a expressão
desta massa emaranhada.

Para se chegar ao seu centro
há que excitá-la bastante
pois quando seu volume aumenta
revela ocos e potentes sugadores
e instauram-se movimentos úmidos
provocando um leva e traz

Se quiseres em contato
não o tente diretamente
Através de outros planetas
mande mensagens cifradas
pelo tato ou pelo olfato
visuais ou rituais
Todo e qualquer recado
que vai sendo captado
corre direto pro ninho
ou passa por canais de luzes
que brilhantes e fininhos
fazem o corpo todinho
tremular pequinininho.
Tudo vai se a(s)cendendo.

Recito versos já esquecidos
Em um segundo eles se vão
Que vida curta meus pequeninos
Vou registrá-los, vencer-me pois.

Olhos fechados, sou minha presa
Sinto-me dando explicações
que me aliviam dos julgamentos
que eu mesma julgo outros tecendo

sobre meus feitos não sou autônoma
que idéia firme de acusação
se me distraio, durmo tranqüila
num sobressalto volto a sofrer

Como se a vida, o pensamento
eu controlasse com aflição
Então me ponho responsalmente
cérebro atento em outro irmão

Meu pai querido no hospital
Irmão resfriado me diz “vá lá”
Mamãe consciente diz não precisa
eu me convenço fico a esperar

Mas lá no fundo algo está aberto
ferida leve, contradição
Sinto-me calma por vê-los juntos
O amor cuidando desta união

Mas devedora busco safar-me
do peso atento, dívida antiga

E este meu saldo desconhecido
quero pagar sem me esquivar

Vejo um sujeito todo de terno
reclama alto em um balcão
Ilustro a dívida com desaforo
e enrosco atenta de cobradora

Não dou sossego, respiração!

20/09/88

Será que me dará o direito de
te penetrar outra vez
Com pessoas me olhando que
nem sei que alma têm
Ensaiando movimentos pra
me plasmar a você
Recebendo dos olhares a
força da comunhão
Me aninhar nestes teus cantos
Sentir cada som recebido
em eras, tempos perdidos
Qual ovelha desgarrada
voltar à casa traída
Cheirar vomitando lágrimas
sorrisos de arrependida
Encantando-me ao sentir que
estes olhos vivem ainda
produzem brilho certo
focam temas subversivos
apontam mundos, repousos
quietude, excitação
catarse dos elementos na
alquimia do perdão

Deixar, não pensar em nada
Nem imagens, gritos, sons
Só o ranger deste lápis
cravando a imaginação
marcando pelos espaços
de expressão, forma, color

Respirar até a vagina
preencher cada desvão
processá-los integra(l)mente
deliciar-se qual chupar dedão
Botar a língua a deriva
explorando sensações
até que acidentemente
ela ative toda a rede
e a energia sorrindo
te reate a este ser pagão.

Timidez

Julia

1. RASGO

até de seu sentido esta palavra se esconde
 pensa que é só aquele baixar de olhos sem graça
 quando os elogios te atingem?
 é! porque paz, pra mim, é elogio,
 e o elogio da paz é o que eu busco.

timidez!

mostrar-me sem pressa, mas não completamente segura,
 descoberta de si para o outro,
 permissão cuidadosa que requer acordo para avançar.

Conforto –

palavra simples, quase promíscua –
 me põe alerta!
 me faz gerar um nó na garganta,
 é lúcido acordar sobressaltado...
 ah! nada de conclusão precoce e pestilenta.

Insônia de timidez,

Insônia pró integridade,

Insônia pra descobrir e revelar a verdade,
 e conhecer-te-me um pouquinho mais.

Penso nele.

Nele – é a timidez que me obriga –

Penso novamente

e espero ardentemente,
 mais que a compreensão,
 a cumplicidade:

“Se inimigo da paz,

Abaixo o conforto!”

Cachoeira forte

Caminhadas rudes sobre a terra viva

Chuva nos cabelos

Espaços, espaços

pros passos

pra correr

pra chorar

pra gritar

pra amar

amar

a m ma mar.

Luís

(me revelo agora)

Todo esse ensaio é um jeito de me mostrar devagar.

Tenho medo de assustar as pessoas.

E você...

Oh! Não! assustar-te jamais.

Eu quero a paz

Eu quero pouca gente ao meu redor

Eu quero os sons puros

Assim, me tendo,

poderei dar-te-me.

Meus olhos nos teus.

Descobrir-te.

Ah! Esta é a minha viagem.

Uma vez escrevi que a natureza

me alimenta e me aninha.
 Ela também me faz forte
 me expulsa do limite conhecido,
 auto-permitido.

Ela é que me encaixa no eterno.
 É ela que me torna ser e artista.
 É ela que me permite este disfarce,
 o de poetisa,
 pra tedizer:

“Vamos pruma praia deserta.

Vamos para montanha.

Vamos nos desvendar.

Vamos nos encontrar.

Será que vou te assustar?”

Aiiii! Sinto que o meu íntimo
 quer tornar-se teu íntimo.
 Mas será que haverá
 um destes Paraísos
 em pleno pleito de 15?

2. AFRODITE / Lua Desconhecida

Ah! Minha

Melancólica

Menstruação!

Tua expressão lunar desconheço.

Me espanta tua dubiedade

tua desconexão

tua coragem

teu romantismo.

Aonde quer que você queira chegar,

chegarei contigo,
pois sou você por inteiro a cada 28 dias.

Sensualidade explícita
Fêmea farejante de dedo em riste
Carne despertada
Reluzente sangue
Sangra em poesia
Boca aberta lânguida
Êxtase tranqüilo.

Teu silêncio esperto
busca o desafio
de sair impune
deste amor bravio.

Pernas mãos olhares
pintos e bacias
quero-vos inteiros;
mesclem-se no cio.

Se Drummond me ouvisse
pegaria os fios
destes meus cabelos
e galhardamente/loucamente
tascaria seu grande e velho nariz entre meus seios pedintes.

Aproveita, coração
desprende tua forte grade
abre-te em mil lugares
expõe tuas loucas carnes.

Nada há de ser perdido.
Plantas, cheiros,
líquidos e relíquias
Somente novas e tuas marcas
se tornarão sabidas
pra este (novo) Homem **aí em frente**
Novo/sexo ser de tua vida.

Cores gestos e lugares
formam meu rastro matreiro
sobre areia terra ou pau
caminho ou vou de carreira.

Já na água
as qualidades
que acima enumerei
tornam-se co'a claridade
espuma/esperma luz alegria.

Mas seja em porto seguro (são ou não)
Meu sexo clama feroz
buscando a carne suada
tesa
resfolegante
do comparsa descoberto
despertador deste meu furor.
da fêmea descompassada/do macho em pelo vigor.

Como é bom fazer poesia
que prazer dá escrever
tanto que meu sexo ardente
calma, tranquilamente

lateja mas não reclama
descansa sobre esta cama
na espera destes dedos
ocupados e (inocentes).

Vem um surdo som dos baixos
de dentro dos meus confins
gravem forte e latejante
preenche, mas em silêncio,
todo o ser que há em mim.
Meu centro é o propulsor
destas linhas impulsivas
que tardia e opacamente
saem por compulsão
transversais
ou feito em cruz.

Julia Pascale

E logo os Kampa tinha que ser!?

Mas eu não tinha escolha. Ou ficava ali, enterrado até os ombros, vendo as intermináveis caravanas de cavalos passando sobre a minha cabeça ou pulava, naquele mesmo momento, pro lombo daquele que carregava a menina.

Desloquei a trouxa de roupa sobre a pequena plataforma em forma de andor um pouco para a direita e me sentei ao seu lado; equilibrando que nem balança o nosso apoio sobre o cavalo.

Ela continuou impassível e tranqüila, como se eu não tivesse feito nada anormal. Nem a carona súbita, nem o deslocamento do assento e nem a nova companhia interferiram no seu estado. E, toda índia, olhava a estrada, o céu, e os cavalos e à sua frente, comodamente, integralmente, cosmicamente.

E Eu!?

Ah! Estranha, né! Completamente estranho mas algo feliz. Saí do buraco, literalmente. E novo, limpo, renascido, deixava a vida me pegar.

Falava, falava muito. Primeiro o nome das coisas: passarinho, rinho, rinho, rinho, que voa, voa voa voa voa voa. Currupiu, piu, piu, piu, piu, piu, piu, piu piuuuuuuuuuuu.! Currupaco. paco, paco, paco, papaco, papaco, paco, pé de estrada, cavalo brabo, égua mansa, nuvem branca...

E de tão contente eu me sacudia todo e a índia se acomodava a esse humano trotar.

Um trotar divinizado, mas de um jovem e inexperiente deus, renascido, reolhando tudo um pouco (mas só um pouco) além da “superfície”, na medida exata da altura de um bom cavalo, um pantaneiro e não um mongol.

O colorido da vida brilha na terra vermelha, mais forte ainda sob o sol poente e eu vou colhendo todo o verde dos campos, montanhas, árvores. As faíscas dos rios e cachoeiras penetram minha íris e me fazem trotar mais excitadamente

Sei que transmito tudo à índia que vai ao meu lado. É isso mesmo. (Noto-o melhor agora. Ela vai ao meu lado. Lado a lado. Dois seres primeiros, únicos. Ela também me transmite seu estar.

Um estar bem diferente, Me intriga... Me apazigua!!!

O único que se requer é uma fresta para se estar em festa.

Campo, cidade, luz e muito ar, correndo e movendo a História.

Quando a tarde se vai, vem aquele lugar comum, um não saber fazer nada, o bocejar sem sono e o olho distraído que pára em qualquer recanto sem reconhecer propriamente, só para um pícolo repouso, uma fotografia.

AMERIACUA
Terra dos Ventos (Nathual)

Sento no amarelo
com este som de América a me olhar
Penso em Te ouvir
Como a um povo inteiro a falar

E esta deusa asteca
reza e te guarda,
luz deste país,
água purificada
adaga, barro e raiz.

Signos/símbolos de gran mistério
guiam o entardecer
Os finais anuais
prestam-se aos rituais

Roca me acompanha
Rota devo traçar
Ronco novo a rugir
Rolha sempre a explodir

Oriente e/o Ocidente
Chacoalhe qual mar bem maduro
Use os ditos e/os chavões
Força fundo teu cantar.

Qual medo o quê cantador!
Desembuche este muchocho
Vai abrindo o nó do peito

Deixa sair teu lamento.

Sei que todos por aqui
Vêm ouvir algum aviso
Seja forte ou seja triste
Que se preparem pra ouvir

Tenho cá nesta barriga
Um filhote diferente
Ele pulsa, me dá chutes
mas é feito transparente.

Tudo que vejo e amo
Tem o poder masculino
de me prenhar um pouquinho
enchendo esta minha pança
 órgão intestino

Tenho alma feminina
Não rejeito um carinho
e um filhinho americano
vai se formando aos pouquinhos.

Primeiro foi italiano
linha paterna, é claro
que em casa brasileira
só manda quem for é macho

mas este ventre impaciente
pertence a uma muchacha
que numa feita antigamente
foi por um mosquito atçada

Desta ferida a coitada
nunca pode se livrar
e esta coceira infinita
a faz correr cá e lá!

Nesta idade pequenina
o filhinho andava solto
sua mãe nem percebia
o que nela se formava.

Se contentava com pouco
Não dava alimento certo
Pulava em cima de homens
que quase nunca a notavam.

Esta menina era forte
pois mesmo assim ela ouvia
a voz fraca da criança
que no fundo da barriga
batia, pulsava frágil.

Nestes pequenos acasos
mesmo não entendendo
a mulher se deliciava
com brinquedos que encontrava

Fingia que era dama
viúva, velha, ou cantora
embalava a pequetita
com cantos predestinados

Estes cantos, que beleza!

Vinham por meio de fadas
que da Natureza madrinhas
protegiam nossa amada.

QUANTA INGENUIDADE

Macho de Marca

É esta a moral da história de amor mais curta e onírica já vivida com a Lídia.

Chegar no motel não foi nada, era uma grande brincadeira, um jogo de conhecimento da vida.

No primeiro momento, ela foi tomar um banho e eu fiquei querendo lhe preparar uma surpresa. Descobri o telefone e tentei encomendar um suco para aquele que me atendeu.

Ele tinha um tom estranho na voz e não desfez a ligação mesmo quando eu percebi que se queria o suco para dali a uma hora e meia ou duas horas, eu teria que chamar novamente, para a cozinha, e dali a uma hora e meia, duas horas.

Mas ele continua, insistentemente, a me oferecer o café e dizendo não várias vezes, desligo com certo quê de surpresa.

Mas minha atenção estava toda tomada por Lídia, por aquele momento tão especial em que duas pessoas que se amam vão se revelar de alguma forma tão carinhosamente, tão espontaneamente. E continuei feliz, muito feliz.

Batem à porta do quarto. Era o café que eu não queria e que com certeza jamais requisitaria em toda a minha vida.

Quatro grandes homens invadem o quarto: uns trazendo o café, outros limpando com grandes panos o piso do quarto. E eu, numa paralisia geral, não sabia o que fazer. Fiquei olhando do corredor para o quarto, do quarto para o corredor, com o queixo quase no peito, sem nenhuma ação além dessa de virar a cabeça da esquerda para a direita e da direita para a esquerda.

Lídia saiu do banheiro toda molhada, com a toalha branca escorrida na frente do corpo e, surpreendida e indignada pela invasão da sua nudez, ato contínuo a abrir a porta do banheiro, ela começou a gritar e a enxotá-los do quarto. Entrei na mesma loucura de botar quatro homens para fora de um quarto de motel, grandes, semi-nus e sarcásticos. Precisamos chutá-los várias vezes, literalmente falando. Mas a resistência deles não se expressava de uma maneira normal de quem está apanhando. Eles simplesmente riam, e tornavam cansativa a expulsão. Mas conseguimos.

Toda a agitação me deixou de cabelo em pé, com uma sensação de atordoamento que só foi voltando ao natural através de uma ducha, graduando do quente até o frio, e com toda a atenção e carinho de Lídia.

Assim recomeçamos a nos curtir e a curtir a vida. Pegamos o cardápio e nos divertimos com os primeiros serviços oferecidos: cego, um pouco coxo, paraplégico. Rindo e com uma leve desconfiança e deixando para lá, ficamos ali até que bateu aquela moleza que se confunde com preguiça, vontade de pensar na vida, indecisão quanto à próxima ação, um deixar rolar.

Duas poltronas destas que quase se juntam para formar um sofá nos serviam de apoio. Nossa posição era idêntica: olhando para a frente, com as pernas dobradas, abraçadas pelos próprios braços, lado a lado.

A única coisa que não coincidia, por isso não posso dizer que correspondíamos, as duas imagens do espelho, a real e a imaginária, era a posição dos nossos queixos: o meu estava apoiado nos meus joelhos; o dela estava mais acima e para trás, pois sua cabeça encostava nos espaldar da poltrona.

Ficamos assim por um período tão longo quanto é necessário para que dois corpos humanos se comuniquem e se estimulem pela energia que um transmite ao outro.

Eu pedi proteção.

Quis encostar minha cabeça no seu ombro. Para meu maior aconchego e comodidade, e para não deixar aquele quê de sem-graça interromper aquele gesto de carinho extremo, ela passou o braço pelas minhas costas e eu pude recostar-me mansamente naquele vãozinho entre o ombro e os seios, do seu lado direito.

Ela me apertou mais gostosamente e num segundo toda a moleza se transformou em ânsia de se dar, de se entregar, de viver conjuntamente aquele momento de tanto prazer.

Sua cabeça se dirigiu para o meu pescoço, ajeitamos nossos corpos mais frente a frente e nos abraçamos atirando toda nossa energia, num respirar compassado.

O tesão foi chegando, intenso, tomando o dedão do pé, a barriga da perna, a xoxota, a barriga, o peito, os braços, a cabeça, a boca e neste abraço de igual para igual, nossos dedos médios, agora eu posso dizer como que num espelho, começaram, no mesmo instante e no mesmo ritmo, a fazer movimentos de pulsação, apalpando as costas.

Meu ombro sentia aquele mexer delicioso como se fosse na própria xoxota, estávamos muito próximas do êxtase quando.....

de uma voz absolutamente terrorífica,

saída de cima de nós, ouvimos:

“Aqui estou eu, bonecas, para resolver.”

Olhei para cima e vi um BOFE. É! com aquela imagem entre o alterofilista e o boneco de esquina, bonitão, mas amedrontador.

Meu choque desta vez foi fatal. Senti meu coração se esvaziar, minhas forças irem embora, os meus gritos se calarem e o meu corpo relaxar.

Percebi ainda que com a ajuda de Lídia pegávamos nossas roupas em total desespero, chorando, interrompidas naquele instante de liberdade e vida.

Minha penúltima ação foi dar com o salto dos tamancos nas costas do monstro, mas minhas forças já estavam tão reduzidas que Lídia tinha que me ajudar a andar.

Cambaleando saímos do quarto com o homem do lado, Lídia gritava e eu a seguia, até que chegamos a uma tal de portaria; eu absolutamente muda, ela gritando, protestando, o homem da portaria se desculpando mal e porcamente e o olhar sarcástico do bofe lembrando o episódio anterior dos quatro homens do café e da limpeza.

Minha ingenuidade, minha falta de proteção, não suportou. Minha última ação? Esqueci.

KAMAKURA, 4 de SETEMBRO de 1987

Faltam 3 dias para a lua cheia.

Julia Pascale

Durante toda a viagem dois temas me tomaram:

Vincent e o meu papel no Universo

Agora com esta calma ao meu redor

posso (e o faço)

ouvir o cão latindo

pássaros grasnando

grilos

cigarras

pingos de chuva

vento

ossos estralando

atrito da pele

gotas sucessivas

janela batendo

motores

pessoas falam ao longe

distingo pouco a pouco a Terra

o frescor do fim da tarde!

me reaproximo da espécie

me distraio com uma chama a queimar.

Estar em paz com os mistérios,

dois importantes mistérios: o do amor

o da vida.

Um avião corta o céu

e eu me quedo a acompanhar

ele some devagar, bem devagar,
pia o grilo
a noite vem
novo é o silêncio chegando
um silêncio que tem vida
como o de Milton de Minas

deslocar-se pro Pará
pra acompanhar meu amor
é como subir aos céus
pra descobrir o meu Deus

os dois temas/trens/viagens
se entrelaçam, nó no peito.
se respiro direitinho
com o ar me alimentando
nascem lágrima e bocejos
filhos plenos da emoção...

um helicóptero!
é polícia...
uma sirene...
ambulância!

me dá um sono
uma preguiça,
assistir o anoitecer!

Há um nada em minha mente
Uma gosma indefinida
Corre, se prepara pro leito.
mas se perde no caminho

Um enjôo de si mesmo
um fastio da distância
acaba entavando ou gorando
qualquer projeto de Ser-se.

Esta tua mulher proibida
se cansa, se encontra só.
Reclama tua compreensão
te pede mais um carinho,
uma noite de ilusão.
Já que a farsa anda solta
Por que não mais um ato ou dois?
Preservar as aparências
fingir que estou contentinha?

É difícil ser humilde
pedir ajuda somente
pois logo a tal da ansiedade
arranja visões de futuro
que quebram o par tão unido.
Mas me prendo ao te ver
Não posso ser pra você
e isso me torna amarga.
'Tô cansada de almoços,
de beijos rápidos, do asfalto
minha lucidez foi-se embora.
Esta tua mulher proibida
Este teu brinquedo querido
tem medo que seu alimento
seja feito de polvilho.
Que pena! Ela não confia!
(e senta-se a sangrar)

Tóquio, algum dia de setembro de 87.

Há um espaço em que todos querem penetrar
os que nele entraram sozinhos, deixaram o seu legado
doutrinas, templos, moções,
outros mais imperceptíveis
vingaram a dois alcançar
o êxtase feminino
o homem em plena função
visão ampla, indefinida
passos lentos, penetrantes
ventre firme, terra à vista
corpo pleno de sentidos
vibração em comoção
persigo há anos
um giro de cabeça
neste simples deslocar de ossos/músculos/nervos
com a vista focada em cosmovisão
bocejo lento
lágrima atenta
ar bem profundo
saliva densa
nuvem envolvente
de energias
procuro fora
sou edifício
me construindo
sou novo ser
braços delgados
seguram a corda
boca saliente
de comunhão

hóstia sagrada
persigo viva
atenta sigo
esta atração
me reconheço
me desenvolvo
solto a energia
do coração.

Julia Pascale

12/02/88

Chapada dos Guimarães – MT

Deito meus olhos num mar
na calmaria de fim de tarde
breve chama me ilumina
água fresca me alivia

Cosmo, planetas, meu centro!
que estas letras dedicadas
suavemente deslizem
neste cenho arreganhado
transformando-o em canal
Livre, leve, futurista.

28/04/88

Treme...

Tremem as estruturas

Os tímpanos são afetados

Os centros mais graves ressentem

E o rugir da metrópole

traduz sem mesmo saber

o ronco raivoso da Terra

Mãe da harmonia

das forças vivas

das formas tácteis do nosso Pai.

Do Céu também vem lamento

Chuva matreira cai sem molhar

Sujo o luar, cinzas as tardes

Estrelas teimam: “Não vou me mostrar.”

A atmosfera exhibe um rombo

sua plenitude já se desfez

E, pequeninos, frágeis, estes corpos

andam às soltas

buscam se unir.

Que nota seca, repetitiva

girando em falso, toca meu ser.

Como um cachorro

Como meu rabo

mergulho fundo

não sei subir

mil e uma noites

me emprestam vida

mil e um dias

devo assumir.

“músicas que lembram”

Lembram de que?

De histórias pequenas

de rótulo à vista

que o cantador seresteiro

que trina a viola

mas perde a pestana

teima me imputar.

Mas qual, que saudade!

Não sinto a verdade

Me pego de fora

dos tempos de outrora

e mesmo de agora

desta nostalgia

não compartilhei.

BSB 18/04/94

axinta, punia, osmo, hohit, abuda

saniasis

puna

índia

energia: o todo

o centro

na cor amarelo laranja do amor

quando mergulho em afrodite

tudo fica banal

e o desenho do filamento

no globo branco dae luz

dae lama

dae fé

a quem te chama

e sonoros humanos peidam

arrotam

se escovam

se amam

turmalina verde de coração negro

roxo e caspa rimam

em dia de paixão

e cristo andava nu

com budum de suor

adolescente

meia amarela

gaita de fole

dedo em movimento

inquietaude soberana

vou baixar tua fama

chama.

inseto em parede branca

parece mancha não gente (?)

minhoco gata taturana

também roe a unha têm desejo

que nem gamela rachada

é boa mas dá pena.

a cortina branca

vão de claridade

em teto de madeira

ouço grilos sim

admiravelmente mais sonoros

que os carros ao longe

e a chuva

emoldura essa volta

de roda a minha volta

em direção ao alto

dou para baixo

escorrem essas linhas pretas da parede?

porta prateleira

pia mão-francesa

barro pé de mesa

luz de teto em cabeleira

delicados toques

em lavoisier

gatos ligeiros

mãos prisioneiras

ou

simplesmente água escorrendo, linhas pretas?

- cadê meu homem do caminho?

- ficou no caminho...

- mas qual caminho?

- matute... matute... matute mais...

ou busque seu caminho

taturana em dobradiça
 passeia involuntária
em plena madrugada

desconectar

para

conectar mais alto

mais fundo

romper as amarras

invisíveis para os outros

assassinias para mim

descobrir o canto do “silêncio”

em nô

propor ao Marco!

sim!

se ele mijar pra trás!

azar!

procura-se outro

1. BRASÍLIA

antes de 28/04/94

FAUSTO FAUSTO

a lua está cheia
no céu de Brasília
isto é especial
passeio madrugada adentro
pelas árvores e estrelas
a presença da lua
me chama você
simplesmente mãos dadas
caminhando entre
sombras e luar
e este forte fluir que existe
entre nós e o mundo

e de manhã ao acordar
descubro um aperto no coração
e saudade
é falta de você
é uma dorzinha que faz
a gente suspirar

2. BRASÍLIA

a lua cheia – emoção em alta
descobertas simples e profundas
dente sem dor
perna que se mexe
pescoço relaxa
silêncio almejado
canto profundo
voz mais grave
desejo ser verdadeira
emendar queixo e coração
 barriga e baixo ventre
 corpo e pernas
 pés e coxas
xoxota e mundo
 a flor
 o meio da árvore
 se abrindo e
 fornecendo pernas
 joelhos
 folhas
 flores
 frutos

BELÉM 28/04/94

OBS. espero que você me entenda por não perguntar tanto de você. Quero sim saber: aquilo que você queira me fazer saber. Meu carinho te transmito te respeitando.

noite é chegada

compartilho à distância

cantando com duas mulheres

tangos em espanhol

hotel quatro estrelas

pedaços do mundo por aqui vagam

pouquinho antes

jantar com Escócia e Brasília, Leoninos ecológicos

pouquinho antes ainda

minas vigarista e artista-irmã

paragominas

tarde imprevista

pouco menos tarde

o vigarista era matemático

e paraense da nata

mesmo

já de manhã

chá de endro em espiriteira

antiga à álcool

reliquia do amazônida inglês

sumaumá em sua sede central

vê guamá e maga centro-americana à brasileira

ainda de manhã

mãe-de-santo judia grande mãe

e cantos regados a lágrimas

sorrisos

emoções das águas

densas águas
e pelo acordar
massagista buscador
esclarece rolfing
e defende as mudanças
bem, querido Fausto
tem gente à minha volta, né?
então, você sabe que te procuro não por solidão
mas por falta do amor
carinho
xamego
do gostoso estar contigo
do redondo viver com você
descobertas e experiências importantes
tenho vivido
mas ainda não aprendi a dançar direito
ainda o público me come
como atriz, você sabe...
como cantar descobro agora e gosto
temostro
oportunamente
o grande ritual de união
de águas
de emoção
expressão
(pena que só “estudei” uma música por enquanto,
“assim mesmo”: repertório inicial)
esse é
você em mim

Tua Julia

BOA NOITE!

Mais uma OBS.: preciso viver plenamente a mulher. Flor que há em mim. Aberta como a xoxota da mangueira.